

ESTUDO SOBRE O CONSERVADORISMO CONTÁBIL NAS COMPANHIAS ABERTAS FAMILIARES E NÃO-FAMILIARES NO MERCADO BRASILEIRO

RESUMO

Este trabalho analisou se o nível de conservadorismo contábil é divergente entre as firmas familiares e não-familiares. Tal tema de pesquisa tem sido objeto de poucos trabalhos, principalmente, na área contábil. Porém, ele torna-se importante, pois as firmas familiares apresentam, normalmente, idiosincrasias no sistema de governança corporativa. Essas características afetam a eficiência econômica dos mecanismos de governança corporativa, diferenciando os problemas de agência das empresas familiares e não-familiares. Diante da possibilidade de estruturas diferenciadas de governança, torna-se relevante avaliar o seu impacto na qualidade dos números contábeis reportados pelas firmas. Este trabalho tem o seguinte problema de pesquisa: **As empresas familiares apresentam números contábeis mais conservadores do que as firmas não-familiares?** O objetivo desta pesquisa foi analisar o nível de conservadorismo das demonstrações contábeis reportados pelas empresas familiares em relação as não-familiares. Para tanto, utilizou o modelo de Ball e Shivakumar (2005), em uma amostra de companhias abertas listadas na Bolsa de Mercadorias & Futuros Bovespa S. A. – BM&FBovespa, que compõem o Índice Brasil - 100, durante os anos de 2006 a 2010. As evidências observadas nesta pesquisa apontam que as empresas familiares apresentam maior reversão de perdas contábeis do que as firmas não-familiares, sugerindo que elas têm práticas contábeis mais agressivas. Porém, com base na análise estatística proposta, não se pode confirmar que o conservadorismo contábil é significativamente diferente entre as empresas familiares e não-familiares.

Palavras-chave: Conservadorismo; Empresas familiares; Qualidade da informação contábil.

1 INTRODUÇÃO

Apesar da forte concentração de firmas caracterizadas como empresas familiares nos diversos mercados, pouco se tem estudado sobre as determinantes e consequências desse tipo de empresa. As empresas familiares oferecem uma oportunidade ímpar para se analisar um tipo de investidor que é caracterizado como aquele que pobremente diversifica seu portfólio de investimentos, normalmente é um investidor de longo prazo e controla posições estratégicas na administração da firma (ANDERSON; REEB, 2003).

Shleifer e Vishny (1997) consideram importante avaliar as características das firmas familiares com o intuito de aumentar a compreensão da eficiência econômica dos diferentes mecanismos de governança corporativa. Ali, Chen e Radhakrishnan (2007) e Chen et al (2010) argumentam que as firmas familiares enfrentam menores problemas de agência entre proprietários e gestores, mas em contrapartida, apresentam maiores dificuldades na resolução de conflitos entre acionistas controladores e não-controladores, quando comparados às companhias não-familiares.

A presença de empresas familiares conduz a diferentes estrutura de propriedade comparado as firmas não-familiares, assim torna-se relevante examinar o impacto do controle

interno sobre a qualidade dos números contábeis. Dechow, Ge e Schrand (2010) destacam diversos atributos da qualidade da informação contábil, sendo que o conservadorismo é uma das principais características dos números reportados pela Contabilidade. Basu (1997) conceitua o conservadorismo como o reconhecimento enviesado das más notícias mais rapidamente do que das boas notícias. Assim, os números contábeis têm maior tendência de reconhecer uma despesa (ou perda) do que uma receita (ou ganho). Em termos práticos, o conservadorismo privilegia o critério contábil que apresente o menor ativo/receita ou maior passivo/despesa.

Porém, o conservadorismo sofre influência do ambiente institucional e organizacional na qual a empresa está inserida. Watts (2003) estabelece que a regulação contábil tem influenciado o comportamento conservador das empresas, pois pode-se verificar que os organismos responsáveis pela emissão das normas contábeis de vários países, bem como *International Accounting Standards Board* (IASB) estabelecem normas fortemente relacionadas com o conservadorismo.

A composição da administração e/ou conselho de administração das empresas pode afetar substancialmente a gestão das firmas. Machado, Almeida e Scarpin (2011) afirmam que empresas familiares possuem características alinhadas a uma gestão conservadora, pois estão menos propensas a assumir risco.

Entretanto, devido a sua maior participação acionária e a perspectiva de investimento de longo prazo na firma, as famílias controladoras têm um maior custo político relacionado à sua reputação, decorrente litígios ou escândalos envolvendo o nome da empresa e/ou da família.

Portanto, não está claro se as empresas familiares têm maiores incentivos para realizar práticas oportunistas na gestão da empresa comparativamente as firmas não-familiares.

Apesar de um número expressivo de grandes corporações nacionais e internacionais serem controladas por grupos familiares, poucas pesquisas na área contábil se concentram em analisar a relação dos números contábeis com as características particulares da gestão de empresas familiares e não-familiares.

Diante do exposto, pode-se descrever o seguinte problema de pesquisa: **As empresas familiares apresentam números contábeis mais conservadores do que as firmas não-familiares?** O objetivo desta pesquisa é analisar o nível de conservadorismo das demonstrações contábeis reportadas pelas empresas familiares em relação as não-familiares.

Para atender ao objetivo desta pesquisa, na segunda seção é apresentada uma revisão de literatura sobre o conservadorismo contábil, bem como as características de empresas familiares e não-familiares. Na terceira seção são apresentados os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, seguido da apresentação e análise dos dados. Por fim, são apresentadas as considerações finais do trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Empresas Familiares e Não-Familiares

Na literatura não existe consenso sobre o conceito de empresa familiar. Garcia (2001) define que a empresa familiar é aquela que é controlada por uma ou mais famílias, adotando um conceito baseado na propriedade, portanto, a família decide os destinos da firma.

Chen et al (2010) conceituam as firmas familiares como aquelas em que os membros da família fundadora continuam ocupando os principais cargos executivos na administração, são do conselho de administração ou detêm o controle acionário da companhia. Destaca-se ainda o fato de que, a propriedade e o controle se confundem nas empresas familiares.

Adicionalmente, Lodi (1998) caracteriza que a “empresa familiar é aquela em que a consideração da sucessão da diretoria está ligada ao fator hereditário e onde valores institucionais da firma identificam-se com um sobrenome de família de um fundador”.

Bornholdt (2005 *apud* ORO; BEUREN; HEIN, 2009) considera uma empresa familiar quando um ou mais dos fundamentos relacionados a seguir podem ser identificados numa organização: (a) o controle acionário pertence à família e também aos seus herdeiros; (b) as relações afetivas e/ou laços familiares determinam a sucessão no poder; (c) os parentes se encontram em situações estratégicas, como na diretoria ou no conselho de administração; (d) as crenças e os valores da organização identificam-se com os da família; (e) os atos dos membros da família repercutem na empresa, não importando se nela atuam; (f) ausência de liberdade total ou parcial de vender suas participações/quotas acumuladas ou herdadas na empresa.

Petry e Nascimento (2009) lembram que empresas familiares apresentam modelos específicos de gestão em relação ao que recomenda a literatura especializada, devido ao fato de que, além dos objetivos empresariais, necessidades familiares devem ser atendidas, sendo o processo de gestão uma consequência disso. Enquanto que nas empresas não familiares, tais necessidades não são levadas em consideração.

Anderson e Reeb (2003) e Chen et al (2010) apontam que as firmas familiares têm melhores desempenhos, maior carga tributária e são menos agressivas no planejamento tributário do que as companhias não-familiares. Uma das possíveis causas de uma maior carga tributária das firmas familiares seria a falta ou a falha no planejamento tributário. Outra hipótese seria a preocupação da família controladora da empresa com a sua imagem, retendo custos políticos, principalmente, relacionados com escândalos ou litígios.

Ali, Chen e Radhakrishnan (2007) evidenciam maior nível de accruals discricionários para empresas familiares, sugerindo que essas firmas possuem incentivos de gerenciar os resultados contábeis para baixo, com o intuito de minimizar a carga tributária ou reduzir custos políticos.

Por outro lado, Chen et al (2010) analisaram se a agressividade tributária nas firmas familiares era maior do que nas não-familiares, com base em uma amostra composta por 1500 companhias listadas na *New York Stock Exchange* e NASDAQ (*National Association of Securities Dealers Automated Quotations*), no período entre 1996 a 2000. Os resultados desse trabalho apontam que as companhias familiares possuem menor gerenciamento tributário do que as empresas não-familiares.

2.2 Conservadorismo

A relevância dos números contábeis na avaliação de desempenho tem sido de fundamental interesse dos usuários da informação contábil, como investidores, analistas, entre outros. O resultado contábil reportado pela empresa é uma das informações mais relevantes da contabilidade, pois os modelos de avaliação de ativos, baseados em fluxo de caixa descontado ou lucros residuais, utilizam a projeção dos lucros futuros para derivar estimativas sobre a firma, incluindo o seu valor de mercado.

A compreensão das relações entre resultados, fluxos de caixa e accruals auxilia na avaliação do desempenho da empresa e dos gestores (BARTH; CRAM; NELSON, 2001). Para Palepu, Healy e Bernard (2004, p.20), a precisão das estimativas contábeis depende das características da firma e da complexidade da transação na qual se procura mensurar, bem como pode ser influenciado pelo sistema de regulação contábil e políticas contábeis adotadas pela empresa. O impacto sobre os números contábeis, entretanto, pode mudar de acordo com as características institucionais e organizacionais da empresa, por exemplo, o sistema de governança, regulação empresarial, regulação contábil, enforcement, tributação, investidores, auditoria, etc.

Os números contábeis reportados são fortemente relacionados ao ambiente econômico, político e social em que a firma está inserida, influenciando assim na qualidade da informação divulgada. Alguns autores defendem que (DECHOW; SCHRAND, 2004; BURGSTHALER et al, 2006), a qualidade da informação contábil é um conjunto amplo de várias dimensões. A qualidade da informação contábil é um conjunto amplo de várias dimensões, sendo que Dechow, Ge e Schrand (2010) classificam essas dimensões (atributos) em 03 categorias:

- a. Propriedades dos resultados (onde se enquadra a persistência, suavização dos resultados contábeis, conservadorismo);
- b. Resposta dos investidos aos resultados
- c. Indicadores externos de má representação dos resultados

Normalmente, os estudos (BASU, 1997; AHMED et al, 2000; BALL et al, 2000; BALL; SHIVAKUMAR, 2005) conceituam o conservadorismo como o reconhecimento enviesado das más notícias, mais rapidamente do que as boas notícias, levando às “diferenças sistemáticas entre os períodos das más notícias e das boas notícias no *timeless* e persistência dos resultados” (BASU, 1997, p.3).

O conservadorismo implica em decisões sobre o momento do reconhecimento oportuno dos ganhos e das perdas e, conseqüentemente, influenciando a escolha contábil. Assim, como outras características da informação contábil, o conservadorismo sofre influência do ambiente institucional e organizacional das empresas.

Holthausen e Watts (2001, p. 37) consideram que o “conservadorismo pode ser devido às fontes de contração, litígio e/ou tributária, deste modo destacando-se aspectos de múltiplos objetivos das demonstrações financeiras”. Lopes (2002, p.42) afirma que “a idéia geral do conservadorismo é fornecer informações mais confiáveis aos investidores por meio de demonstrações que não sejam excessivamente otimistas.”

Nesse sentido, o conservadorismo limita as ações dos gestores, disciplinando o “entusiasmo natural de alguns donos e administradores de negócios na apresentação das perspectivas da entidade” (IUDÍCIBUS, 2004, p.82) e contribuindo para o aumento da confiabilidade dos agentes externos sobre os números contábeis reportados. Dentro dessa

visão, o conservadorismo pode inibir o comportamento oportunístico, pois conforme Watts (2003, p.211), as práticas contábeis tem maior nível de verificação das boas notícias do que das más notícias.

Assim, o conservadorismo torna-se um instrumento eficiente no estabelecimento dos contratos, pois restringe o comportamento oportunístico dos administradores, em benefício próprio ou dos outros interessados (HOLTHAUSEN; WATTS, 2001; WATTS, 2003).

O estudo aqui proposto trata do nível de conservadorismo ser ou não significativo em empresas familiares, Machado et. al (2011) coloca que “a premissa assumida pelo estudo é de que as empresas familiares possuem características aderentes à gestão conservadora e, desta forma, são menos propensas ao risco”.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Tipo de Pesquisa

Este trabalho se enquadra como uma pesquisa empírica, pois busca avaliar a relação de causa e efeito entre as variáveis analisadas. Caracteriza-se, também, como pesquisa bibliográfica, porque busca explicar a natureza do comportamento conservador das empresas familiares e não familiares.

3.2 Seleção e composição da amostra

A amostra inicial deste estudo foi composta pelas sociedades anônimas de capital aberto, listadas na Bolsa de Mercadorias & Futuros Bovespa S. A. – BM&FBovespa, que compõem o Índice Brasil - 100, no período de 2006 a 2010.

Os dados das companhias abertas foram obtidos junto aos bancos de dados disponibilizados pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e pela Economática. No período de 1995 a 2010, foram identificadas 72 empresas com administração familiar que participam do IBRX-100 (excluídas as repetições), o que perfaz 1.074 firmas-ano. Com a eliminação das empresas-ano com dados ausentes, a amostra final 738 observações.

3.3 Desenvolvimento da hipótese

Considerando-se o conservadorismo contábil e as diferenças entre as características particulares das empresas familiares e não familiares, adotou-se a seguinte hipótese de pesquisa:

Hipótese: O nível de conservadorismo nas demonstrações contábeis das empresas familiares é significativamente menor do que o contido nas demonstrações contábeis das empresas não-familiares.

Para analisar o nível de conservadorismo foi utilizado o modelo desenvolvido por Ball e Shivakumar (2005) descrito a seguir (equação 1):

$$\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 D\Delta NI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * D\Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it} \quad (\text{Equação 1})$$

em que:

ΔNI_{it} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano $t-1$ para o ano t ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t ;

ΔNI_{it-1} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano $t-2$ para o ano $t-1$ ponderada pelo valor do ativo total no início do ano $t-1$;

$D\Delta NI_{it-1}$ = variável *dummy* para indicar se existe variação negativa no lucro líquido contábil da empresa i do ano $t-1$ para o ano t , assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;

ε_{it} = erro da regressão.

Nesse modelo (Equação 1), a utilização da “variação no lucro líquido contábil” como variável independente tem a vantagem de fornecer uma especificação adequada para identificar os componentes transitórios do resultado (BALL; SHIVAKUMAR, 2005). A hipótese assumida pelos autores é de que existe menor reversão de decréscimos negativos de resultados nas companhias fechadas do que nas companhias abertas, refletindo uma menor frequência de reconhecimento oportuno das perdas, devido à menor demanda por comportamento conservador na mensuração das informações contábeis.

Espera-se que o coeficiente α_2 seja igual a zero ($\alpha_2 = 0$), pois o diferimento do reconhecimento dos ganhos até o momento em que seu fluxo de caixa é realizado faz com que os resultados positivos se tornem um componente persistente do lucro contábil, que tende a não ser revertido (BALL; SHIVAKUMAR, 2005). No caso de reconhecimento oportuno, os ganhos passam a ser um componente transitório do resultado e tendem a ser revertidos nos períodos subseqüentes. Isso implica que o coeficiente α_2 seja menor que zero ($\alpha_2 < 0$).

Utilizando-se o mesmo raciocínio, o reconhecimento oportuno das perdas resulta em decréscimos transitórios do resultado e, conseqüentemente, devem ser revertidas nos períodos seguintes, implicando, *a priori*, que o somatório dos coeficientes α_2 e α_3 seja menor que zero. Assim, o reconhecimento mais oportuno das perdas do que dos ganhos faz com que o coeficiente α_3 seja menor que zero. Ressalta-se que não existe uma predição para os coeficientes lineares (interceptores) α_0 e α_1 nesse modelo.

Considerando-se a hipótese adotada nesta pesquisa, assumiu-se que o somatório dos coeficientes α_2 e α_3 , do modelo apresentado na Equação 1, seja maior para as firmas familiares do que para as não-familiares, pois espera-se que as primeiras tenham maior reversão de resultados negativos.

Com intuito de apresentar maior robustez na análise estatística neste trabalho, para verificar se as práticas conservadoras das empresas familiares e não familiares são significativamente diferentes, base no trabalho de Ball e Shivakumar (2005), modificou-se o modelo através da inclusão de uma variável *dummy* que capta o comportamento diferenciado do conservadorismo das firmas familiares (Equação 2).

$$\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 D\Delta NI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * D\Delta NI_{it-1} + \alpha_4 DF + \alpha_5 DF * D\Delta NI_{it-1} + \alpha_6 DF * \Delta NI_{it-1} + \alpha_7 DF * D\Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it} \quad (2)$$

em que:

ΔNI_{it} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano $t-1$ para o ano t , ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t ;

ΔNI_{it-1} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano $t-2$ para o ano $t-1$, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano $t-1$;

$D\Delta NI_{it-1}$ = variável *dummy* para indicar se a variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano $t-1$ para o ano t é negativa; assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;

DF = variável *dummy* para indicar se a firma é empresa familiar, assumindo valor 1 se for empresa familiar, e valor 0 se for uma empresa não-familiar;

ε_{it} = erro da regressão.

Similarmente ao modelo apresentado na Equação 1, considerando o reconhecimento postergado das “boas notícias” (componente positivo persistente do resultado contábil) espera-se que o coeficiente α_2 seja igual a 0 ($\alpha_2 = 0$). Com base no reconhecimento oportuno das “más notícias”, tem-se a expectativa de que o coeficiente α_3 seja menor que zero ($\alpha_3 < 0$) e que o somatório dos coeficientes α_2 e α_3 seja menor que zero ($\alpha_2 + \alpha_3 < 0$).

Entretanto, devido às idiossincrasias de cada tipo de empresa, tem-se a hipótese de que as companhias familiares possuem menor reconhecimento oportuno das perdas do que as companhias não-familiares, implicando que o coeficiente α_7 seja, significativamente, maior que 0 ($\alpha_7 > 0$). Ressalta-se, também, que não existe uma predição para os coeficientes lineares (interceptores) α_0 , α_1 , α_4 e α_5 , bem como para o coeficiente α_6 nesse modelo (Equação 2).

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os dados da estatística descritiva e do teste de normalidade da variável, *variação no lucro líquido contábil*, para empresas familiares e empresas não-familiares, encontram-se na Tabela 01.

Com o intuito de se verificar a normalidade, foi utilizado o Teste Jarque-Bera. Com base nos dados apresentados na Tabela 01, pode-se verificar que existem evidências estatísticas para rejeitar a normalidade das variações de resultados em todas as amostras (total, empresas familiares e empresas não-familiares). Ou seja, a variável *variação no lucro líquido contábil*, utilizada neste trabalho, não segue uma distribuição normal considerando-se um nível de significância de 0,05 (WOOLDRIDGE, 2006).

Tabela 1 – Estatísticas descritivas das variáveis

	Amostra Total	Empresas Não-Familiares	Empresas Familiares
Média	0,0124	0,0126	0,0117
Desvio-padrão	0,0795	0,0749	0,0966
Jarque-Bera	6551,4740	7766,4390	358,0752
Probabilidade	0,0000	0,0000	0,0000
Observações	738	596	142

Na Tabela 02 são apresentadas as estimações para os parâmetros e testes estatísticos de cada amostra, através de *pooling of independent cross section*, conforme especificado pelo modelo de Ball e Shivakumar (2005) descrito na Equação 1.

Tabela 02 – Estatísticas da regressão de conservadorismo – modelo Ball e Shivakumar (2005)

	Amostra Total		Empresas Não- Familiares		Empresas Familiares	
	coeficiente	p-value	coeficiente	p-value	coeficiente	p-value
<i>Interceptor</i>	0,0075	0,1032	0,0060	0,1238	0,0103	0,4222
ΔNI_{it-1}	-0,0124	0,1408	-0,0114	0,2681	-0,0142	0,4112
ΔNI_{it-1}	-0,0976	0,3255	-0,0338	0,6048	-0,2706	0,3717
$\Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1}$	-0,5377	0,0080	-0,6132	0,0208	-0,3425	0,3093
R^2	0,1435		0,1238		0,2262	
R^2 ajustado	0,1396		0,1189		0,2067	
<i>F Anova</i>	36,9776	0,0000	25,3873	0,0000	11,5972	0,0000
<i>Jarque-Bera</i>	5643,1060	0,0000	5213,8671	0,0000	375,3057	0,0000
<i>LM Test</i>	14,8822	0,0000	11,3365	0,0000	6,0136	0,0033
<i>White heteroskedasticity</i>	16,9309	0,0000	18,2174	0,0000	10,6488	0,0000
Observações	738		596		142	

Modelo empregado para investigar separadamente a influência do conservadorismo nos relatórios contábeis das empresas familiares e não-familiares (Equação 1): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 \Delta NI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it}$.

ΔNI_{it-1} = variação no lucro líquido contábil da empresa *i* do ano *t-2* para o ano *t-1* ponderada pelo valor do ativo total no início do ano *t-1*;

ΔNI_{it-1} = variável *dummy* para indicar se a variação no lucro líquido contábil da empresa *i* do ano *t-1* para o ano *t* é negativa; assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;

ε_{it} = erro da regressão

Fonte: própria

Com base nos resultados dos testes apresentados na Tabela 02, observa-se, para todas as amostras, a presença de heteroscedasticidade (*White heteroskedasticity*) e de correlação serial (*LM Test*), bem como os resíduos não seguem a normalidade (Jarque-Bera). Mas, observando as propriedades assintóticas, os estimadores do método dos Mínimos Quadrados Ordinários (MQO) satisfazem a normalidade assintótica, conseqüentemente, os coeficientes são consistentes e não-viesados assintoticamente (WOOLDRIDGE, 2006, p.167).

Na Tabela 02 observa-se que o coeficiente α_2 é, estatisticamente, igual a zero, pois o *p-value* é maior que 0,05 (GUJARATI, 2000; WOOLDRIDGE, 2006), para todas as amostras. Esses resultados confirmam que o resultado positivo torna-se componente persistente do lucro contábil, não sendo revertido nos períodos subseqüentes nas demonstrações contábeis das empresas.

Ainda com base nas estatísticas apresentadas na Tabela 02, o somatório dos coeficientes α_2 e α_3 para amostra total, empresas não-familiares e empresas familiares são, respectivamente, -0,6353, -0,6470 e -0,6131. Como em todos os casos, esses somatórios são menores que zero ($\alpha_2 + \alpha_3 < 0$), verificou-se que os números apresentam evidências empíricas de reconhecimento oportuno das perdas, sendo essas revertidas nos períodos seguintes. Entretanto, somente para a amostra total e a amostra composta com empresas não-familiares, o coeficiente α_3 é, significativamente, menor que 0 ($\alpha_3 < 0$) (GUJARATI, 2000; WOOLDRIDGE, 2006).

Comparando o somatório dos coeficientes α_2 e α_3 do modelo de Ball e Shivakumar (Equação 1), verificou-se que as empresas familiares têm menor reversão dos resultados negativos (-0,6131) do que às empresas não-familiares (-0,6470). Essa evidencia não se pode confirmar a hipótese adotada nesta pesquisa, de que o conservadorismo nas demonstrações contábeis das empresas familiares é menor do que nos relatórios das empresas não-familiares.

Porém, na análise baseada na comparação entre as estatísticas da amostra para firmas familiares e não-familiares, especificamente, o somatório dos coeficientes α_2 e α_3 do modelo de Ball e Shivakumar (Equação 1), não se pode afirmar se a diferença entre as duas amostras é significativamente diferente. Para tanto, foi utilizado a regressão descrita na equação 2 para atender esse objetivo.

Os resultados da regressão do modelo de Conservadorismo descrito na Equação 2 estão apresentados na Tabela 03.

Tabela 03 – Regressão do conservadorismo – empresas familiares e não-familiares

	coeficiente	<i>p-value</i>
<i>Interceptor</i>	0,0067	0,0858
$DANI_{it-1}$	-0,0122	0,2387
ΔNI_{it-1}	-0,0399	0,5415
$\Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1}$	-0,6071	0,0223
<i>DF</i>	0,0015	0,9176
$DF * DANI_{it-1}$	-0,2080	0,3710
$DF * \Delta NI_{it-1}$	0,2419	0,5194
$DF * DANI_{it-1} * \Delta NI_{it-1}$	0,0067	0,0858
R^2	0,1491	
R^2 ajustado	0,1413	
<i>F Anova</i>	19,2395	0,0000
<i>Jarque-Bera</i>	5126,9624	0,0000
<i>LM Test</i>	16,1619	0,0000
<i>White heteroskedasticity</i>	13,8833	0,0000
Observações	738	

Modelo empregado para investigar a influência do Conservadorismo nos relatórios contábeis das companhias fechadas e abertas brasileiras (Equação 3): $\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 DANI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 \Delta NI_{it-1} * DANI_{it-1} + \alpha_4 DF + \alpha_5 DF * DANI_{it-1} + \alpha_6 DF * \Delta NI_{it-1} + \alpha_7 DF * DANI_{it-1} * \Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it}$

ΔNI_{it} = variação no lucro líquido contábil da empresa *i* do ano *t-1* para o ano *t*, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano *t*;

ΔNI_{it-1} = variação no lucro líquido contábil da empresa *i* do ano *t-2* para o ano *t-1*, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano *t-1*;

$DANI_{it-1}$ = variável *dummy* para indicar se a variação no lucro líquido contábil da empresa *i* do ano *t-1* para o ano *t* é negativa; assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;

DF = variável *dummy* para indicar se a firma é empresa familiar, assumindo valor 1 se for empresa familiar, e valor 0 se for empresa não-familiar;

ε_{it} = erro da regressão.

A análise dos resultados apresentados na Tabela 3 permite verificar que o coeficiente α_2 é, estatisticamente, igual a zero (*p-value* > 0,05), corroborando os resultados apresentados na Tabela 2, ou seja, confirma-se a expectativa de que os resultados positivos não são revertidos nos períodos subsequentes, pois tornaram-se componente persistente do resultado contábil. Diferentemente, os resultados negativos são revertidos nos anos posteriores ao seu reconhecimento oportuno, pois o somatório dos coeficientes α_2 e α_3 (-0,6470) é, significativamente, menor que zero ($\alpha_2 + \alpha_3 < 0$).

Por fim, com relação à hipótese de pesquisa adotada neste estudo, não se pode confirmar, pois o coeficiente α_7 calculado (0,0067) não é, significativamente, maior que

zero (GUJARATI, 2000; WOOLDRIDGE, 2006). Tal resultado sugere que as empresas familiares e não-familiares não apresentam diferenças significativas no reconhecimento oportuno das perdas contábeis.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura corrente não apresenta um número relevante de pesquisas que tratam das idiossincrasias das empresas familiares e seu sistema de governança corporativa. Esse tema de pesquisa torna-se importante, pois as firmas familiares são, normalmente, constituídas por investidores de longo prazo, com pouco ou nenhuma diversificação de investimentos e assumem os principais cargos executivos na administração da firma.

Essas características afetam fortemente eficiência econômica dos diferentes mecanismos de governança corporativa, diferenciando os problemas de agência das empresas familiares e não-familiares. Diante da possibilidade de estruturas diferenciadas de governança, assim torna-se relevante avaliar o seu impacto sobre a qualidade dos números contábeis reportados pelas firmas. Este trabalho focou em analisar como o nível de conservadorismo, uma das principais características qualitativas da Contabilidade, é influenciado pelos incentivos e restrições dos gestores das firmas familiares e não-familiares.

Este trabalho utilizou o modelo de Ball e Shivakumar (2005), em uma amostra de companhias abertas listadas na Bolsa de Mercadorias & Futuros Bovespa S. A. – BM&FBovespa, que compõem o Índice Brasil - 100, durante os anos de 2006 a 2010.

Os resultados apresentados na seção anterior apontam que as empresas familiares apresentam maior reversão de perdas contábeis do que as firmas não-familiares, o que elas tem práticas contábeis mais agressivas. Com base nos resultados apresentados anteriormente, não se pode confirmar a hipótese de pesquisa, portanto, as evidências sugerem que o conservadorismo contábil não é diferente entre as empresas familiares e não-familiares.

Cabe lembrar que, as pesquisas anteriores também apresentam resultados divergentes quanto ao comportamento dos gestores das empresas familiares diante dos incentivos e limitações.

Para pesquisas futuras, sugere-se a análise de outros tipos de sociedades como companhias fechadas e as empresas de responsabilidade limitada, além de se estudar outras características da qualidade das informações contábeis reportadas pelas firmas.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Anwer S. *et al.* *Accounting conservatism and the valuation of accounting numbers: evidence on the Feltham-Ohlson (1996) model.* **Journal of Accounting, Auditing and Finance**, v. 15, n.3, p.271-292, 2000.
- ALI, Ashiq; CHEN, Tay-Yuan; RADHAKRISHNAN, Suresh. 2007. *Corporate disclosures by family firms.* **Journal of Accounting and Economics**, v. 44, n.1-2, p.238-286, 2007
- ANDERSON, Ronald C.; REEB, David M. *Founding-family ownership and firm performance.* **Journal of Finance**, v. 58, n. 3, p. 1301-1328, 2003.

BALL, Ray; KOTHARI, S. P.; ROBIN, Ashok. *The effect of international institutional factors on properties of accounting earnings*. **Journal of Accounting and Economics**, v. 29, n. 1, p. 1-51, 2000.

BALL, Ray; SHIVAKUMAR, Lakshmanan. *Earnings quality UK private firms: comparative loss recognition timeliness*. **Journal of Accounting and Economics**, v. 39, n. 1, p. 83-128, 2005.

BARTH, Mary E.; CRAM, Donald P.; NELSON, Karen K. *Accruals and the prediction of future cash flows*. **The Accounting Review**, v. 76, n. 1, p.27–58, 2001.

BASU, Sudipta. *The conservatism principle and the asymmetric timeliness of earnings*. **Journal of Accounting and Economics**, v. 24, n. 1, p. 3-37, 1997.

BURGSTHALER, David C. *et al.* *The importance of reporting incentives: earnings management in European private and public firms*. **The Accounting Review**, v. 81, n.5. p. 983-1016, 2006.

CHEN, Shuping et al. *Are family firms more tax aggressive than non-family firms?* **Journal of Financial Economics**, v.95, n.2, p.41–61, 2010.

DECHOW, Patricia M.; SCHRAND, Catherine M. *Earnings quality*. Charlottesville: CFA Institute, 2004.

_____; GE, Weili; SCHRAND, Catherine M. *Understanding earnings quality: a review of proxies, their determinants and their consequences*. **Journal of Accounting and Economics**, v. 50, n. 2-3, p. 344-401, 2010

GARCIA, Volnei P. **Desenvolvimento das famílias empresarias**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

GUJARATI, Damodar. N. *Econometria básica*. São Paulo: Pearson, 2000.

HOLTHAUSEN, Robert W.; WATTS, Ross L. *The relevance of the value-relevance literature for financial accounting standard setting*. **Journal of Accounting and Economics**, v. 31, n. 1-3, p. 3-75, 2001.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; LOPES, Alexandro B. **Teoria avançada da contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2004.

LODI, João B. **A empresa familiar**. Sao Paulo: Pioneira, 1998.

LOPES, Alexandro B. 2002. **A informação contábil e o mercado de capitais**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MACHADO, Débora G. ALMEIDA, Dalci M.; SCARPIN, Jorge E.. *Endividamento e Lucratividade: Um estudo em empresas familiares e não familiares que compõem o índice IBRX-100 da BM&FBOVESPA*. Anais do 11^o Congresso USP de Controladoria e Contabilidade. São Paulo, 2011.

ORO, Ieda M.; BEUREN, Ilse M.; HEIN, Nelson. *Análise da relação entre a estrutura de capital e o lucro operacional nas diversas gerações de empresas familiares brasileiras*. **Revista Contabilidade Vista & Revista**, v. 20, n. 1, p. 67-94, 2009.

PETRY, Luiz I.; NASCIMENTO, Auster M. *Um estudo sobre o modelo de gestão e o processo sucessório em empresas familiares*. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 20, n. 49, p. 109-125, 2009.

SHLEIFER, Andrei; VISHNY, Robert. *A survey of corporate governance*. **Journal of Finance**, v. 52, n. 2, p. 737–783, 1997.

WATTS, Ross L. *Conservatism in accounting part I: explanations and implications*. **Accounting Horizons**, v. 17, n. 3, p. 207-221, 2003.

WOOLDRIDGE, Jeffrey M. **Introdução à econometria**: uma abordagem moderna. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.